

A MODERNIZAÇÃO NO DISCURSO DO POETA: JOÃO CABRAL DE MELO NETO E OS SENTIDOS DO TRAJETO DO CAMPO À CIDADE EM *MORTE E VIDA SEVERINA*

THE MODERNIZATION IN THE POET'S DISCOURSE: JOÃO CABRAL DE MELO NETO AND THE SENSES OF THE PATH FROM COUNTRYSIDE TO THE CITY IN MORTE E VIDA SEVERINA

Jefferson José Queler¹

Resumo:

Este texto lida com algumas relações entre literatura e política. Pretende mostrar como João Cabral de Melo Neto representa o processo de modernização no Brasil na década de 1950 com seu livro *Morte e Vida Severina*. Por meio da viagem de um retirante nordestino rumo à cidade, fugindo da miséria e em busca de melhores condições de vida, o poeta parece ter construído alegorias e metáforas para criticar a forma pela qual a modernidade chegou ao país e em sua região.

Palavras-chave: modernização, urbanização, João Cabral de Melo Neto.

Abstract:

This text deals with some relations between literature and politics. It intends to show how João Cabral de Melo Neto represents the modernization process in Brazil during the 1950's with his book *Morte e Vida Severina*. Through a simple man's journey from countryside to the city in the northeast region, trying to run away from misery and in search of better life conditions, the poet seems to have built allegories and metaphors to criticize the way modernity arrived there.

Keywords: modernization, urbanization, João Cabral de Melo Neto.

¹ Doutor e Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Graduado em História pela Universidade de São Paulo. Pesquisador da Unicamp. E-mail: jeffqueler@hotmail.com

No Brasil da década de 1950, milhões de trabalhadores rurais deixaram o campo rumo às cidades. Com esperanças de obter melhores condições de vida, grande parte deles engrossou as fileiras do operariado fabril ou dos desempregados nos grandes centros urbanos. Em que medida uma peça literária poderia representar esse processo ou mesmo atuar nele? É o que procuraremos responder com a análise do texto *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. Escrita entre 1956 e 1959, ao longo da administração Kubitschek, como essa obra poderia iluminar o período que integra a memória coletiva como “Os anos dourados”, marcado notadamente pela conjugação de crescimento econômico e democracia? Algum contraponto a esse epíteto?

De qualquer modo, não há dúvidas de que o governo Kubitschek despertou otimismo em diversos setores da sociedade brasileira. Por meio de seu Plano de Metas, deu novo alento aos processos de urbanização e industrialização que se vinham operando em anos anteriores, concedendo maiores facilidades à penetração de capitais estrangeiros (BENEVIDES, 1979, p. 199-210). Da mesma forma, conquistou determinada estabilidade política com a aliança entre o Partido

Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrático (PSD), os quais lhe forneceram suporte para a aprovação de medidas por ele apresentadas ao Congresso, e o apoio de setores significativos das Forças Armadas, especialmente representados na figura de seu Ministro da Guerra, o General Henrique Teixeira Lott. Nesse período, era disseminada a “crença na transformação do presente com o objetivo de construção de um futuro alternativo” (NEVES, 2001, p. 171). Era muito presente a consciência de que a ação humana seria capaz de intervir sobre a dinâmica da história.

Essa vontade de mudança e a valorização das novidades atingiram tanto o âmbito da política e da economia quanto o mundo da cultura e das artes (KORNIS, 1991, *passim*). Movimentos artísticos de destaque nasceram ou tomaram impulso. Com eles, vieram reflexões críticas acerca da produção existente e novas linguagens emergiram no teatro, na música, no cinema, nas artes plásticas. Nesse movimento, o termo “novo” dava a tônica do que se pretendia fazer (*Cinema Novo, Bossa Nova...*). E era expressiva a intenção de se buscar uma originalidade da cultura brasileira em diálogo com experiência de outros países. Nesse sentido, a produção cultural do período foi

marcada pela valorização do popular como fundamento genuíno da nacionalidade. Efervescência cultural, nacionalismo e crença nas possibilidades de transformação social e econômica do país eram, portanto, faces da mesma moeda.

O poeta João Cabral de Melo Neto também estava afinado com essas experiências, conforme indica sua atenção ao elemento popular da cultura brasileira, especialmente na figura do retirante nordestino, em *Morte e Vida Severina* (MELO NETO, 2007). Olhava para o campo, em que cerca de 41 milhões de brasileiros viviam, esmagadora maioria da população quando comparada aos 10 milhões de cidadãos (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 574). Um olhar evidentemente diverso daquele possuído por grande parte destes últimos em relação aos primeiros. Jecas, caipiras e matutos, gente atrasada, assim se afiguravam, em geral, os trabalhadores rurais aos olhos dos habitantes das cidades. Fernando Novais e João Manuel Cardoso de Mello lembram que, na perspectiva de quem migrava para as cidades, o mundo urbano acenava não apenas com promessas de progresso individual, mas também como uma forma superior de existência. O poeta pernambucano se diferenciará desses dois pontos de

vista, ao criticar não apenas algumas das condições de vida encontradas pelo migrante rural nas cidades, como também o modo como vinha se desenvolvendo o processo de modernização no país, através de uma série de imagens e alegorias.

Um de seus principais instrumentos para a representação desses fenômenos refere-se à construção de arquétipos. É o que transparece na apresentação do personagem principal, Severino, nome muito comum que já anuncia a intenção do autor em delinear um tipo social, e que também se transformará em adjetivo, expressão de vida sofrida e de poucas esperanças dos migrantes nordestinos. Nos versos colocados em primeira pessoa, o narrador chega a ensaiar uma individualização ao apresentar-se como “Severino da Maria do Zacarias, lá da Serra da Costela, limites da Paraíba” (MELO NETO, 2007, p. 91); mas bem depressa admite que as pessoas que compartilham de seu nome também convergem para um destino comum, e eis que se explicita a tipologia:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas (MELO NETO, 2007,
p. 92);

tentativa de descrição que também encerra um viés crítico da realidade:

e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta
E somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia (MELO NETO, 2007,
p.92);

crítica social que também comporta certa empatia com o tipo em construção, tido como alguém que luta para romper os grilhões de sua desconfortável situação:

Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
[...] de querer arrancar
algum roçado da cinza (MELO NETO, 2007, p. 92-93).

Cabral representará os conflitos sociais envolvendo os sertanejos e retirantes em tom de denúncia, ao vislumbrar injustiças no campo. Latifundiários são contrapostos a eles, privando-os da posse da terra e submetendo-os aos mais diversos tipos de violência. É bom lembrar que o escritor compunha essa obra num momento em que os movimentos de luta pela terra perdiam, em larga medida, seu caráter local e passavam a se articular nos âmbitos municipal, estadual e nacional. Assim, parceiros, arrendatários e foreiros reivindicavam com mais força melhores condições de trabalho e a realização de uma reforma agrária no país, com destaque para as Ligas Camponesas, organizadas, primeiro, no Nordeste e, depois, disseminadas por todo o país (MEDEIROS, 1989, p. 18-34). Os embates entre trabalhadores e grandes proprietários rurais também agitavam o Congresso, com as discussões acerca da extensão da legislação trabalhista ao campo e da redistribuição das terras, questões que foram

sistematicamente bloqueadas durante todo o governo Kubitschek, principalmente pelo PSD, cuja base era composta, notadamente, por grandes proprietários rurais (BENEVIDES, 1979, p. 77).

Tal cenário será enquadrado e examinado pela perspectiva do poeta, assim que Severino inicia sua marcha pelo sertão nordestino rumo ao litoral de Recife. Em seu primeiro encontro, ele se depara com dois homens carregando um defunto numa rede. Curioso, pergunta-lhes de quem se trata; e “Severino lavrador” é a sua resposta: um dos vários momentos em que o arquétipo trata de si. Indaga-lhes novamente, desta vez para saber da procedência do morto; e fica sabendo:

Onde a Caatinga é mais seca,
irmão das almas,
onde uma terra que não dá nem planta brava (MELO NETO, 2007, p. 93-94);

clara alusão aos efeitos da seca. E quer saber ainda o motivo do ocorrido, instante em que lhe dizem o destino de pequenos proprietários que se atrevem a resistir à concentração fundiária:

Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
dos intervalos das pedras,
plantava palha [...] Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea (MELO NETO, 2007, p. 95);

situação alterada pelo perpetrador do crime:

Queria espalhar-se, irmão das almas, queria voar mais livre
essa ave-bala (MELO NETO, 2007, p. 95).

Resta a Severino prosseguir a sua jornada, preocupado, porém, com o traçado de seu guia, o rio Capiberibe, atingido duramente pela seca. Esta associação entre curso d’água e caminho, penso, também pode ser lida como uma alegoria de tempo na obra. Autores das mais diversas tendências teóricas têm insistido na ideia de que o tempo não existe em si, constituindo-se, antes, em produção social e histórica (THOMPSON, 2002; LÉVY, 1986). Na perspectiva de Pierre Lévy, o que há são tecnologias que produzem determinadas

experiências, vivências, ideias ou formas de tempo. A escrita, por exemplo, com sua ordem sequencial de signos e o potencial que abre para a acumulação de conhecimento, atuou decisivamente no questionamento do tempo circular presente em culturas marcadas pela oralidade; fornecia então a impressão de que o tempo era retilíneo; arquivos, anais e calendários traçavam a divisão entre passado, presente e futuro alternando-se sucessiva e linearmente. Em algumas concepções, surgiriam as noções de progresso ou decadência. Algo que estaria sendo questionado recentemente com as novas tecnologias da informação, em que passado, presente e futuro tornar-se-iam intrinsecamente ligados. Evidentemente, essas posições são polêmicas e não é o propósito deste modesto ensaio discuti-las em profundidade. Importa destacar as imagens utilizadas para representar o tempo nas circunstâncias descritas, respectivamente: o círculo, a flecha ou o rio, a espiral.

Conceber o rio Capiberibe como uma alegoria do tempo linear e contínuo, alguém poderia objetar, não é possível porque seu fluxo se interrompe em vários pontos em função da seca. Mas Cabral parece servir-se de outro artifício para que tal figura literária não

perca o sentido. Desse modo, nos pontos em que o rio seca, eis que uma alternativa a ele emerge:

Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
todas formando um rosário
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
passando de vila em vila (MELO NETO, 2007, p. 97-98).

No lugar do rio, o rosário; permanece, pois, a noção de linha e continuidade.

As primeiras aglomerações urbanas mencionadas pelo narrador servem-lhe de guia rumo ao obje-

tivo maior, a metrópole litorânea. Esses vilarejos e cidadezinhas formam cenário de desolação, dado que muitas deles encontram-se desabitados. Provavelmente a seca. Severino chega a perder-se nessa paisagem agreste. Por fim, ouve uma ladainha entoada por várias pessoas, sinal que aguardava para reorientar sua jornada. Chega então a uma casa em que excelências são cantadas a um defunto, outro “Severino”. O arquétipo fala de si. O rezador dizia do falecido:

Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas... (MELO NETO,
2007, p. 99);

instante em que é interrompido por dois homens do lado de fora da casa:

Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação. (MELO NETO, 2007, p. 99).

Cena de tristeza profunda que faz o narrador refletir sobre a própria condição e tentar mudar o curso de sua vida, buscando estabelecer-se no local e encontrar um emprego:

só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina para o homem que retira).
Penso agora: mas por que
parar aqui eu não podia
e como o Capiberibe
interromper a minha linha? (MELO NETO, 2007, p. 100).

Essas reflexões de Severino levam-nos a pensar que a equiparação do rio à linha do tempo tem um sentido: a decadência ou a degeneração, sina contra a qual ele luta desesperadamente. Algo bem diverso do entusiasmo ou crença no progresso reinantes no período. Edgar de Decca, em prefácio de livro, chega mesmo a afirmar que o mito do desenvolvimento e a ênfase na industrialização - tida como etapa em

que o homem, através da mediação da técnica, supera o reino da necessidade -, embrenharam-se em todos os discursos políticos da época, fossem eles liberais, conservadores, marxistas (TREVISAN, 1986, p. 12). Já Cabral parecia não se alinhar a essa tendência, pelo menos completamente. A sequência de sua obra corrobora essa hipótese. Severino vislumbra possibilidade de emprego em mulher prostrada na janela de sua casa. Prontifica-se diante da eventual patroa e é conclamado a responder diversas vezes à mesma questão:

o que fazia o compadre
na sua terra de lá? (MELO NETO, 2007, p. 102).

E logo diz que sabe trabalhar na roça, cuidar de diversas culturas e de animais. Ensejo para que sua interlocutora desqualifique seus saberes, ao argumentar que ali são de pouca serventia em razão da seca que tudo leva consigo. Detalhe importante surge a partir do momento em que o narrador expõe outra de suas habilidades:

Em qualquer das cinco tachas
de um banguê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar (MELO NETO, 2007, p 103);

e tem a seguinte resposta:

Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já. (MELO NETO, 2007, p.103).

Note-se que não é apenas a seca que desvaloriza os conhecimentos de Severino, mas também alguns avanços técnicos.

Mesmo tendo suas habilidades desvalorizadas, Severino por fim consegue um emprego. Mal sabe o que o aguarda, ofício de rezador, tarefa abundante em região onde a morte é o que mais há. Recusa-o e segue viagem. Ficará encantado com a vista da zona da mata: paisagens verdes, terras férteis e água. Atrativos que o fazem interromper a marcha novamente. Porém, um paradoxo lhe surge de imediato:

Mas não avisto ninguém.
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um banguê velho em ruínas (MELO NETO, 2007,
p. 107).

A usina, como alegoria da modernização, cataliza o processo de decadência, sentido adquirido pela noção de tempo contínuo e linear. Cabral, portanto, critica o modo como a técnica é empregada, instrumento que facilita a dispensa de mão-de-obra e a concentração de terras. E as consequências disso são apontadas logo adiante. Num cemitério, Severino ouve dois amigos conversarem a respeito do companheiro que enterram:

Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe deste latifúndio.
Não é cova grande,
é cova medida,
É a terra que querias ver dividida (MELO NETO, 2007, p. 108).

Injustiças também não faltarão no espaço urbano aos olhos de Severino. Assim que chega a Recife, ouve dois coveiros conversarem. Eles se queixam do

trabalho árduo no cemitério dos pobres, bem diferente do cemitério dos ricos:

As avenidas do centro
onde se enterram os ricos,
são como o porto do mar; não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
com muita pompa, protocolo,
e ainda mais cenografia.
Mas este setor de cá
é como a estação dos trens:
diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém (MELO NETO, 2007, p. 114).

Não parecem ser casuais as metáforas escolhidas pelo poeta para representar a morte de ricos e pobres, respectivamente, o transatlântico, símbolo de transporte luxuoso e para poucos, e o trem, símbolo de transporte barato e pouco refinado, destinado às pessoas de poucas posses, a maioria da população: signos de uma modernidade que perpetua ou cria novas desigualdades sociais. Também não deve ser acidental a menção à avenida, componente fundamental da vida

moderna (BERMAN, 1996, p. 143-163).

Na célebre análise da obra de Baudelaire feita por Marshall Berman, surgem reflexões que iluminam esse encontro entre os mundos dos ricos e o dos pobres nas grandes cidades. Seu foco recai nas relações do poeta francês com as reformas urbanas feitas em Paris durante a segunda metade do século XIX, com o prefeito Haussmann à frente delas. Tal problemática logo aparece no primeiro poema analisado, “Os Olhos dos Pobres”, em que uma família de poucas posses observa um casal num café. Para Berman, o que torna esse encontro moderno é o espaço urbano em que acontece, sobre o *boulevard*, larga avenida que se transformou em ponto de partida para a modernização da cidade tradicional (BERMAN, 1996, p. 145). As intervenções feitas em Paris nessa época deslocaram as habitações miseráveis para fora do centro da cidade e eliminaram as vias estreitas e sinuosas até então existentes. Em seu lugar, tomaram forma os bulevares, que permitiam ao tráfego correr em linha reta pela região central de um extremo ao outro.

Em consequência disso, explica o autor:

Os bulevares, abrindo formidáveis buracos nos bairros

pobres, permitiam aos pobres caminhar através desses mesmos buracos, afastando de suas vizinhas arruinadas, para descobrir, pela primeira vez em suas vidas, como era o resto da cidade e como era a outra espécie de vida que aí existia. E, à medida que vêm, eles também são vistos: visão e epifania fluem nos dois sentidos [...] Os bulevares de Haussmann transformaram o exótico no imediato; a miséria que foi um dia mistério é agora um fato (BERMAN, 1996, p. 149).

Tal modelo de reforma, é preciso lembrar, foi elevado à condição de verdadeiro exemplo de urbanismo moderno, tendo circulado mais tarde em cidades de crescimento emergente em todo o mundo.

O interessante é que, na representação de Cabral, cenas urbanas modernas, semelhantes àquelas vislumbradas por Baudelaire, ocorrem em Recife, lugar em que avenidas são palco de encontros inusitados entre ricos e pobres. Na cena em que os coveiros conversam, um deles manifesta a intenção de ser transferido para o cemitério dos ricos:

Só pedi que me mandassem
para urbanizações discretas,
com seus quarteirões apertados,

com suas cômodas de pedra (MELO NETO, 2007, p. 115).

Proximidade e contato com o mundo dos ricos, suscitados pela configuração da cidade, que lhe acendem a vontade de viver mais perto deles para ter um pouco mais de conforto. Esses traçados em linha reta, as avenidas, são a culminância da noção de tempo linear outrora simbolizada pelo rio. O resultado: um espaço urbano marcado por profundas desigualdades sociais e hierarquias. Todos nele circulam mas há lugares bem cristalizados para cada grupo social, conforme a descrição da região dos ricos feita por um dos coveiros:

Esse é o bairro dos funcionários,
inclusive extranumerários,
contratados e mensalistas
(menos os tarefeiros e diaristas).
Para lá vão os jornalistas,
os escritores, os artistas;
ali vão também os bancários,
as altas patentes dos comerciários,
os lojistas, os boticários,
os localizados aeroviários
e os de profissões liberais (MELO NETO, 2007, p. 115).

Tarefeiros e diaristas só estão de passagem por ali. Hierarquias que existem até mesmo nos andares de baixo da sociedade. Um dos coveiros trata do cemitério para onde será transferido:

Passo para o dos industriários,
que é também o dos ferroviários,
de todos os rodoviários
e praças de pré dos comerciários. (MELO NETO, 2007, p. 117).

Mudança cujo significado é esclarecido pelo amigo:

Passas para o dos operários,
deixas o dos pobres vários;
melhor: não são tão contagiosos
e são muito menos numerosos (MELO NETO, 2007, p. 117).

E é a primeira vez que algum progresso é admitido para as camadas inferiores envolvidas no processo de modernização, ao se tratar os operários como gozando de melhores condições de vida em relação aos pobres em geral, benefícios que não cabem à grande

maioria das pessoas.

Na sequência da trama, Severino desespera-se com seu provável destino, a morte anônima e miserável. Ouve dos coveiros que seria mais fácil e barato que gente de sua condição se lançasse nas águas do rio, e parte decidido a dar cabo de sua vida, como que se entregando a seu grande algoz, o tempo. Prestes a se jogar no Capiberibe, depara-se com um dos habitantes dos mucambos próximos dali, e fica sabendo tratar-se de mestre José Carpina. É este quem lhe impedirá o sacrifício, ao convencê-lo da importância da vida. Logo ouvem um grito, e alguém informa a mestre José que seu filho nascera; ambos partem para ver o rebento. Na casa de seu anfitrião, Severino observa muitas pessoas chegarem com presentes. Entre elas, duas ciganas se aproximam, e uma delas vaticina:

Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida deste menino
acabado de nascer
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar

na lama, com goiamuns,
e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas, que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;
depois, aprenderá com outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo (MELO NETO, 2007, p.
127-128).

Futuro sombrio o do menino, outro Severino. O arquétipo fala do devir do grupo social que representa. Podemos supor que as ciganas sejam usadas pelo autor como recursos para manter a alegoria de tempo linear, representando o futuro. Afinal, o rio chega à sua foz em Recife, em mostra dos limites deste elemento da natureza para configurar tal construção simbólica. Tudo isso para exprimir o pessimismo de Cabral quanto ao futuro da modernização? Talvez a curto prazo. Veja-se o que diz a outra cigana:

não ficará a pescar

de jererê toda a vida.
Minha amiga se esqueceu
de dizer todas as linhas;
não pensem que a vida dele
há de ser sempre daninha.
Enxergo daqui a planura
que é a vida do homem de ofício,
bem mais sadia que os manguês,
tenha embora precipícios.
Não o vejo dentro dos manguês,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
coisa mais limpa que a lama (MELO NETO, 2007,
p. 129).

Conforme já indicara em outra passagem, o poeta concebe a transformação de pobres em operários como algo positivo. E manifesta seu otimismo de que a modernização, num futuro distante, trará benefícios generalizados à sociedade.

Afinal, Cabral não deixa de se encantar com o novo, sentimento tão presente em sua época. Basta ver os elogios ao recém-nascido feitos pelas pessoas que deixam a casa de mestre José Carpina. Mesmo sendo

pálido, magro e pequeno, consideram-no formoso:

Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
Belo como a coisa nova
na prateleira vazia.
Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
Ou como o caderno novo quando a gente o principia.
E belo porque com o novo
todo o velho contagia.
Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
Infecciona a miséria
com vida nova e sadia. (MELO NETO, 2007, p. 131-132).

Um futuro promissor para a modernização no país, uma possibilidade.

Dessa forma, Cabral trata com reservas o processo de industrialização e urbanização no Brasil da década de 1950. Nenhum otimismo incondicional em relação à técnica ou ao desenvolvimento econômico em curso, sentimento comum em muitos de seus contemporâneos. A viagem de Severino do sertão nordestino até Recife conta muito mais do que a história de

um indivíduo. É possível lê-la como a saga dos trabalhadores rurais no tempo, contada por meio do Capi-beribe e outros recursos auxiliares, como os pequenos vilarejos e cidades, nos pontos em que o fluxo d'água seca, e as personagens das ciganas, no local em que o rio desemboca. Com isso, o autor constrói uma alegoria do tempo linear e contínuo - dividido entre passado, presente e futuro, sucessivamente -, por meio da qual representa a deterioração das condições de vida dos retirantes em meio aos primeiros efeitos do surto modernizador. Denuncia como essas pessoas perdem suas terras e têm seus saberes desqualificados com os avanços técnicos, tornando-se sujeitas à miséria e aos mais variados tipos de violência. Lembra que a alternativa que lhes resta, migrar para a cidade, nenhum progresso significa de imediato, dado que o espaço urbano moderno, por mais que aparente ser democrático, ao permitir o contato entre diferentes grupos sociais, comporta hierarquias quase intransponíveis. Alguma redenção para a modernização no país, a seu ver, haveria apenas a longo prazo, com a transformação da grande massa de migrantes rurais em operários, tida como um pequeno avanço. Mudança inevitável? Nem de longe, uma vez que Cabral sugere que as técnicas,

por si só, não trazem melhores condições de vida à maioria da população, um alerta para que elas fossem colocadas a serviço de todos.

REFERÊNCIAS

FONTE

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BIBLIOGRAFIA

BENEVIDES, Maria Victoria M. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KORNIS, Mônica. *Vanguarda e anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1991.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: Fase, 1989.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

NEVES, Lucília de Almeida. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge (org.) *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 167-203.

THOMPSON, Edward P.. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward P.. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 267-304.

TREVISAN, Maria José. *50 anos em 5*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

Artigo recebido em: 02/08/2010

Aprovado para publicação em: 17/09/2010